



PREFÁCIOS

SØREN KIERKEGAARD

RELÓGIO D'ÁGUA

Prefácios

Relógio D'Água Editores
Rua Sylvio Rebelo, n.º 15
1000-282 Lisboa
tel.: 218 474 450
fax: 218 470 775
relogiodagua@relogiodagua.pt
www.relogiodagua.pt

Título: *Prefácios*

Título original: *Forord* (1844)

De acordo com a edição *Søren Kierkegaards Skrifter*, vols. 4 e K4

© Søren Kierkegaard Forskningscenteret, Copenhaga, 1998.

O Søren Kierkegaard Forskningscenter é apoiado pela
Fundação Nacional Dinamarquesa para a Investigação

Autor: Søren Kierkegaard

Tradução do dinamarquês: Susana Janic

Revisão científica: José Miranda Justo

Introdução e notas: Elisabete M. de Sousa

Coordenação editorial: Joakim Garff, António Pedro Mesquita,

José Miranda Justo e Elisabete M. de Sousa

Coordenação científica: José Miranda Justo e Elisabete M. de Sousa

Revisão do texto: Madalena Fragoso

Capa: Carlos César Vasconcelos (www.cvasconcelos.com)
sobre *Retrato de Søren Kierkegaard* (1902), de Luplau Janssen

© Relógio D'Água Editores, Janeiro de 2018

Edição feita com o Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa e com Søren Kierkegaard Forskningscenteret da Universidade de Copenhaga. Por protocolo assinado entre as duas instituições, o SKFC cedeu ao CFUL os direitos sobre a utilização da edição dos *Søren Kierkegaards Skrifter* e dos respectivos aparatos críticos.

O Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa é apoiado no âmbito do Programa de Financiamento Plurianual das Unidades de I&D da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), que se enquadra no Programa Operacional Ciência, Tecnologia, Inovação (POCTI). Este Programa insere-se no III Quadro Comunitário de Apoio e é co-financiado pelo Governo Português e a União Europeia, através do Fundo Europeu para o Desenvolvimento Regional (FEDER).

Encomende os seus livros em:

www.relogiodagua.pt

ISBN 978-989-641-698-0

Composição e paginação: Relógio D'Água Editores

Impressão: Europress, Lda.

Depósito Legal n.º: 436613/18

Søren Kierkegaard

Prefácios

Tradução do dinamarquês de
Susana Janic

Revisão científica de
José Miranda Justo

Introdução e notas de
Elisabete M. de Sousa

Filosofia

II

Ser autor na Dinamarca é quase tão incomodativo como haver de viver exposto sobre uma bandeja de servir⁵², em especial é martirizante para um autor lírico que, ainda que seja o oposto como homem, é *qua*⁵³ autor sempre um pouco arredio, foge de todo o alarido, quer seja louvor ou censura, e entrega-se à solidão, à refrescante, aconchegada, doce exaltação, achando que algures está um leitor escondido⁵⁴ que lhe prepara uma calorosa recepção e que, dito de maneira puramente estética, fecha a porta e conversa com o autor em segredo. Se alguém considerar a minha primeira frase exagerada, talvez tenha então a paciência de esperar pela minha próxima frase, que ser autor na Dinamarca é em grande parte idêntico a ser autor em Copenhaga, o que é quase tão incomodativo como haver de se esconder em cima de um prato. As forças do mundo leitor concentram-se em Copenhaga, ainda que esta concentração nada signifique em relação ao vigor, mas apenas em relação ao tumulto e ao barulho e à algazarra e à agitada azáfama de todos os esforços laterais.

A publicação de um livro é pois um acontecimento que coloca de imediato o mundo leitor em movimento. Em geral há um indivíduo singular que até sabe disso um pouco antes. Um tal

52 O termo «*Præsenteer-Bakke*» é igualmente usado para designar «exposição pública».

53 Em latim no original: «na qualidade de».

54 Expressão recorrente na literatura popular, em especial nos romances de Christian Winther.

indivíduo tem de se dar por afortunado. Apressa-se com mais urgência pelas ruas fora do que aquele barbeiro que arriscou a vida para ser o primeiro a trazer as notícias da vitória de Maratona⁵⁵. O seu grito desperta mais sensação do que quando alguém avista um brilho ao largo e grita por toda a aldeia de pescadores: arenques! Um homem assim é um filho da fortuna, mais feliz do que o autor, bem-vindo em toda a parte. Como numa espécie de compra antecipada, recolhe alguma coisa do obséquio que é destinado ao autor. O pregoeiro não sabe mais nada, apenas sabe um tanto vagamente como se chama o livro e do que trata; mas é justamente isto o que é mais prezado aos [480] olhos do mundo leitor, porque um rumor entusiasma o mundo leitor como a inspiração da musa entusiasma o poeta, visto que o igual age sempre sobre o igual.⁵⁶

O livro foi publicado. O mundo leitor reúne-se na sinagoga⁵⁷ para se entreter reciprocamente. «Leu o livro?» — Não! ainda não, mas ouvi dizer que não é grande coisa. «Leu o livro?» — Não! mas folheei-o um pouco na livraria Reitzel⁵⁸, só gostava de saber quem é o autor. «Leu o livro?» — Não! mas estou ansioso por vê-lo e já me prometeram em três sítios que mo emprestavam. Este e semelhantes temas são submetidos a variações enquanto a gritaria e o barulho crescem; porque os barris vazios são os que

55 Cruzam-se duas referências da Antiguidade. Na primeira, de Plutarco (45-120 a.C.), conta-se o episódio do barbeiro de Pireu, o primeiro a fazer chegar a Atenas a notícia da derrota na Sicília; edição consultada pelo autor: *Plutarch's Werke, Moralische Schriften* [Obras de P., escritos morais], vols. 1-13, trad. J. C. F. Bähr, Stuttgart, 1828-1838; vd. *Plutarch's Moralia in sixteen volumes*, tradução de W. C. Helmbod, Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1939, vol. VI, p. 435. Na segunda, de Luciano de Samosata (c.120 — depois de 180), narra-se a morte de Filípides depois de ter levado a Atenas a notícia da vitória de Maratona (490 a.C.); edição consultada pelo autor: *Luciani Opera* [Obras de L.], vols.1-4, Leipzig 1829; vd. *Lucian in eight volumes*, tradução de K. Kilburn, Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1959; «Pro Lapsu 3», vol. VI, p. 177. 56 Variante da expressão latina «*simila similius curantur*», ou seja, «o igual cura o igual», da autoria do médico homeopata alemão, Samuel Hahnemann (1755-1843), adoptada como divisa da homeopatia.

57 Provável alusão ao *Mimi's Café*, frequentado pelo meio intelectual e conhecido como «sinagoga».

58 Livraria de Copenhaga, fundada em 1819 por Carl Andreas Reitzel (1789-1853), a casa editora das obras de Kierkegaard. Localizada no centro da cidade, entre 1827-1853 era o ponto de encontro da elite literária.

mais ressoam⁵⁹ e a sinagoga, tal como o sino da igreja — tem uma língua e uma cabeça oca⁶⁰. Se se quiser tornar visível aos olhos o que aqui se presta sobretudo para os ouvidos, ver-se-á então o mundo leitor reunido aos magotes na praça de alarme. Numa confusão total, correm todos ao encontro uns dos outros. Se se observa mais de perto, repara-se que algumas figuras isoladas se destacam da multidão. Reconhecem-se com facilidade pelo olhar de espias, pelo irrequieto relancear dos olhos, pelos pescoços esticados, pelas orelhas arrebidadas — são os recenseadores. Talvez creias que um recenseador deva ser encarado como um comissário de polícia ao serviço do bom gosto. Estás enganado. Um recenseador é um conspirador, um meritório membro da Associação da Intemperança⁶¹. Depois de ter ouvido o que quer, corre logo para casa e, enquanto o falatório oco lhe ressoa ainda na cabeça, escreve uma recensão.

Duas semanas depois, o mundo leitor visível (pois existe uma diferença entre a igreja visível e a invisível⁶²) reúne-se de novo na sinagoga. Recomeça-se onde se ficara. «Leu a excelente recensão?» Não. «Então tem de lê-la. Tem mesmo de lê-la; está exactamente como eu próprio a poderia ter escrito.» — «Curiosamente, o interessante recenseador diz o mesmo que eu dissera, mal começara a folhear o livro na Reitzel.» — «Ainda o não li, mas disse-me

59 Variante de uma expressão popular «*tomme tønner buldrer mest*», i.e. «os barris ocos retumbam mais», usada para dar a entender que são as pessoas mais estúpidas as que mais falam.

60 Expressão retirada da obra inglesa anónima *Fairy legends and traditions of the South of Ireland*, Londres, 1825; edição consultada pelo autor: *Irische Elfenmärchen* [Contos irlandeses sobre Elfos], tradução de Jacob Grimm (1785-1863) e Wilhelm Grimm (1786-1859), Leipzig, 1826; lê-se na p. 37, «*geschwatziges Weib, das eine Zunge hatte und einen leeren Kopf, wie die Glocke im Kirchturm*», i.e. «uma mulher faladora que tinha uma língua e uma cabeça oca como o sino na torre da igreja».

61 A designação da associação aqui referida foi cunhada por oposição a *Den Danske Maadenholds Forening*, a associação dinamarquesa para a temperança, fundada em Outubro de 1843.

62 Distinção da Igreja Luterana entre uma igreja exterior e real e uma igreja interior e ideal, inspirada em Agostinho de Hipona, expressão também usada para distinguir entre os baptizados e os crentes. H. L. Martensen (1808-1884) na recensão de *Nye Digte* [Novos Poemas] de 1841, de Heiberg, afirmava: «[a] oposição entre a igreja visível e a invisível espelha-se também na poesia...»; in *Fædrelandet* [A Pátria], n.º 400, 12 de Janeiro de 1841.

um amigo meu da província, Deus sabe que boa cabeça e bons conhecimentos ele tem, que o livro tem falhas; embora haja nele de facto belas passagens.» — A coisa tem a ver com o seguinte. O tal amigo da província não leu o livro, mas recebeu uma carta de um homem da capital que também não leu o livro, mas que leu a recensão, por sua vez escrita por um homem que não lera o livro, mas ouvira o que aquele homem digno de confiança, que folheara um pouco o livro na Reitzel, tinha dito. *Summa summarum*, 14811 não é impensável que um livro possa ser publicado, cause sensação, motive uma recensão que irá ser lida, ao passo que o livro bem podia ter ficado por escrever, ou no máximo ter sido tão sucintamente redigido como essa informação do primeiro mensageiro. Basta tão-somente que as conversas se ponham em movimento e está tudo bem. E se não houvessem de começar a circular? Havia de ser um estranho livro. Nada há tão mau que a alguém bem não faça e nada tão bom há que a alguém mal não faça⁶³.

Ao ter em conta o julgamento do mundo leitor visível e recenseadores habituais cai-se na mais inepta das confusões. Permitir-me-ei tornar a confusão inteligível graças a um acontecimento da vida quotidiana. Um adegueiro queria alugar uma cave minha. Apesar da sua reconhecida honestidade, etc., não se tratava contudo de um locatário de peso para a balança de quilates do proprietário. Levantou-se então a questão da caução. Com toda a delicadeza, permiti-me exteriorizar as minhas reservas — mas ele olhou para mim com um sorriso e disse: «Não se preocupe, sou de confiança, diabos me levem, já que eu próprio sou fiador de um adegueiro da *Strandstræde*.»⁶⁴ Tive de me segurar a uma cadeira, porque no mesmo instante em que tentava repensar o que ele tinha dito, turvou-se-me a vista. É assim que os recenseadores habituais caucionam o julgamento do mundo leitor, e se se tomasse o recenseur por um indivíduo singular, na maioria dos casos ele estaria

63 Variante de um ditado popular, «*der er intet så galt, det er jo dog godt for noget*», i.e. «nada há de tão mau, que não seja bom para alguma coisa»; in *Dansk Ordsprogs-Skat* [Tesouro de ditados dinamarqueses], E. Mau, Copenhaga, 1879, vols. 1-2, n.º 3181.

64 Duas ruas paralelas, Store Strandstræde e Lille Strandstræde, no centro de Copenhaga, entre Nyhavn e Kongens Nytorv e Sankt Annæ Plads.

então bem longe de poder responder por si mesmo, ao passo que estará porventura pronto para consolar aquele que, preocupado, chame a atenção para a dificuldade, tal como aquele adegueiro me consolou a mim. — Ora bem, possam os naturais de Copenhaga divertir-se a jogar este jogo, e desejo-lhes *Glück zu*⁶⁵, quanto mais maluco, tanto melhor; tenho em indescritível consideração os homens, especialmente quando se deixam cair no ridículo; mas sendo um amigo dos homens, ainda sou mais amigo do riso. E é um chiste divertido, para o qual um dos sete sábios⁶⁶ já tinha chamado a atenção, o facto de nos jogos de luta serem os conhecedores da arte que combatem e serem os que nada entendem da arte a julgar.

A intenção do que precede não é de modo algum partir a vara⁶⁷ sobre todos os julgamentos subjectivos. A questão é apenas o modo como são expostos. Quando, de um modo muito indolente, uma individualidade humorística profere um julgamento inapelável sobre personalidade e disposição, está no seu direito. Assim, se um homem disser: «só abri o livro em três passos e deparei-me em cada um com a palavra doce, por isso não me l482l apetece ler o livro.» «Só olhei para a página de rosto, mas vi que ele escreve a palavra *Indolents* sem t⁶⁸. Para mim isto é

65 Em alemão no original: «boa sorte».

66 De acordo com a tradição grega, os sete sábios eram sete homens de Estado dos séculos VII e VI a.C.; o filósofo mencionado neste passo é Anacársis (c. 589 a.C.), de origem cita. Edição consultada pelo autor: *Diogen Laërtes filosofiske Historie*, vols. I-II [História filosófica de D. L.], tradução de Børge Riisbrigh, edição de Børge Thorlacius, Copenhaga, 1812, Livro I, cap. VIII, p. 47; vd. *Diogenes Laertius Lives of eminent Philosophers*, vols. I-II, Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1925, tradução de R. D. Hicks, vol. I, cap. VIII, p. 103. Na tradução brasileira de Mário Gama Kury, *Diôgenes Laértios. Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*, Brasília: Ed. UnB, 1977, p. 41.

67 Trata-se da expressão «*bryde Staven over*», ou seja, «partir a vara», que designava a prática do juiz que partia a vara sobre a cabeça do réu para dar por concluído o julgamento, dando assim ordem ao carrasco para executar a sentença. A expressão é de uso frequente nos escritos de Kierkegaard em particular até 1846.

68 No original, lê-se «*Indolents uden t*». Trata-se de uma alusão ao artigo de Heiberg, «*Ogsaa en Opfordring til Statsgjældens Formindskelse ved frivillige Bidrag*» [Também um Apelo à Redução da Dívida do Estado por Contributos opcionais], in *Intelligensbladet* [A Folha dos intelectuais], n.º 2, Abril de 1842. Neste artigo Heiberg sublinha que há muitos substantivos sem «t», tais como «*Intelligen[t]s*», «*Substan[t]s*» e «*Residen[t]s*», incentivando outros escritores dinamarqueses a aderirem a este germanismo que entretanto se impôs.

o suficiente para concluir que o autor é afectado.» «Mal abri o livro, li estas palavras: tem de se duvidar de tudo⁶⁹. Por este motivo, devolvi logo o livro; pois esta frase é para mim detestável e, por assim dizer, uma grosseria que bastaria apenas insinuar.» Se um homem se exprimissem deste modo, mais não faria do que fazer valer a sua individualidade em toda a contingência, o que é coisa honesta. Mas semelhante julgamento é muitíssimo diferente daquele julgamento do mundo leitor. Por isso, nem um tal particularista⁷⁰, nem o seu julgamento são em geral apreciados, porque os interessados reparam como este, consciente ou inconscientemente, contém uma sátira ao julgamento por eles feito. O julgamento do mundo leitor, embora fundamentado em tão pouco quanto o daquele, é arrogante e cheio de presunção. Por isso, enquanto um escritor tem os seus piores inimigos e traidores naqueles ortodoxos pontos de exclamação, tem frequentemente neste tipo de humorista um amigo críptico que leu o livro com todo o fervor, mas que apenas tenta desta forma salvar a sua alma e o livro de qualquer conexão com o falatório.

Por fim, o destino compadece-se então do autor; sai um novo livro e ele volta a si tão transtornado e atordado da cabeça

69 Tradução da expressão cartesiana «*de omnibus dubitandum est*», aqui, em alusão a Martensen que por várias vezes se referiu nestes termos à dúvida cartesiana. Entre finais de 1842 e os primeiros meses de 1843, Kierkegaard iniciou uma novela intitulada *Johannes Climacus ou de omnibus dubitandum est. Uma narrativa* (SKS, vol. 15, pp. 13-59), da qual existe uma tradução brasileira, *Johannes Climacus ou é preciso duvidar de tudo*, prefácio e notas de Jacques Lafarge, tradução de Sílvia Saviano Sampaio e Álvaro Luiz Montenegro Valls, com revisão de Else Hagelund e Glauco Micsik Roberti, São Paulo: Martins Fontes, 2003. É neste projecto inacabado que surge pela primeira vez o pseudónimo Johannes Climacus, o qual posteriormente assinará *Migalhas Filosóficas*, publicado em 1843, já com tradução portuguesa (*Migalhas Filosóficas*, tradução, introdução e notas de José Miranda Justo, Lisboa: Relógio D'Água, 2012). A obra maior de Johannes Climacus, publicada em Fevereiro de 1846 e ocupando um lugar de charneira no conjunto da produção de Kierkegaard, é *Postscriptum Conclusivo Não-Científico às Migalhas Filosóficas: Uma Compilação Dialéctica, Patética e Mimética. Uma Alegação Existencial*, com tradução brasileira de Álvaro Luiz Montenegro Valls e Marília Murta de Almeida, *Pós-escrito às Migalhas Filosóficas*, vol. I, Petrópolis: Vozes 2013; vol. II, 2016.

70 O Particularismo defendia que Jesus Cristo não teria morrido por todos nós, mas somente para que os eleitos fossem salvos.

como um gato sovado dentro do barril⁷¹. Desde que o mundo leitor possa ter brincadeiras de Carnaval, que se dane o autor. Mas tem de haver brincadeiras de Carnaval. Não havendo autor, então apanha-se algum suspeito que «se encontra a escrever um livro», atira-se com ele para dentro do barril, e começa logo a folia. Que o Diabo seja autor, se não se souber tirar de tal tratamento um prazer privado, e acima de tudo se não se souber fazer de parvo o mundo leitor, para que este fique de facto com algo no barril, mas não o nosso próprio eu, não a personalidade profunda do nosso eu, antes uma personalidade que se oferece como a falsa perna que Morten Frederiksen⁷² deixou a justiça guardar quando escapou da prisão de Roskilde. — Por que motivo não haverá alguém que escreva um quarto de parturiente literário⁷³? Ver-se-ia aí gente de uma flagrante parecença com as Madames⁷⁴ daquela comédia; gente que mata o infeliz com cavaqueira, gente invejosa, maliciosa, com línguas piores do que as dessas Madames e, para completar, raramente falta de facto um papel que se preste a ser melhor representado por uma mulher, tal como na peça de Holberg há um papel de mulher representado por um homem⁷⁵.

1483| Aqueles que melhor se relacionam com esta ordem de assuntos são os recenseadores que, de vários modos, como é natural, com o apoio do público, montaram o equívoco segundo

71 Até meados do século XIX, no Carnaval havia a tradição de bater num barril onde se havia colocado um gato. Nos tempos de hoje, em vez de um gato há doces e rebuçados que caem do barril à medida que as crianças o reventam.

72 Em 1812, Morten Frederiksen, preso na cadeia de Roskilde, estava acorrentado por uma perna; conseguiu fugir, enganando os carcereiros que viam uma perna presa, pensando ser a dele, quando afinal se tratava de uma perna feita com a palha que cobria o chão.

73 À semelhança de Holberg (vd. acima nota 45) e já após a publicação de *Prefácios*, Hans Christian Andersen (1805-1875) viria a escrever a peça *Den nye Barselstue* [O novo Quarto de Parturiente], estreada a 26 de Março de 1845 no Teatro Real de Copenhaga, um dos maiores sucessos teatrais do autor.

74 A fórmula de tratamento reservada a uma actriz era o termo francês «Madame» e não o dinamarquês «Fru».

75 Por ocasião da primeira representação de *Barselstuen* de Holberg, em 1724, por falta de actrizes, o papel principal de parturiente foi representado por um actor, costume que se manteve até Outubro de 1827.

o qual a relação entre o autor e o público é a seguinte. O autor é um pobre imbecil que não sabe nada e não percebe nada, mas que aguarda, com ansiedade e terror, o severo juiz, o sábio e competente julgamento do mui honrado público. É tão tonto pensar que o público havia de poder aprender alguma coisa com um autor, como pensar que um professor havia de poder aprender alguma coisa com o estudante que ele examina. O que o autor escreve é uma prova de exame, e mesmo se se tivesse em mira fazer boa figura, aquele que a ela se submete é sempre um pouco lunático porque o facto de deixar de escrever é ir já bastante longe; e deste modo é-se parte integrante do mui honrado público. Ao invés, os recenseadores são os acólitos de máxima confiança do mui honrado público, os seus provadores e conselheiros privados⁷⁶. Assim tudo fica dentro da melhor e da mais perfeita loucura.

Basta lançar uma vista de olhos sobre as linhas dos jornais para ver aquilo que hoje em dia se entende por uma recensão. Seria um pecado e uma vergonha se a cavaqueira citadina do público houvesse de ser desperdiçada. Por isso, qualquer jornal dispõe de um cano para escoar a água suja dos seus domínios. O recenseur desempenha o papel de inspector das águas e assegura que a água suja corre livremente e sem entraves. Deste modo tudo é perfeito em si mesmo; a água vem do público e corre de novo para o público.

Não é decerto necessária qualquer prova de que as coisas se passam assim. Se tal fosse exigido, talvez eu pensasse que não mereceria a pena comprová-lo. O próprio Sr. Prof. Heiberg, que de facto foi incontestavelmente o favorito do público e estava bem longe de se mostrar avesso ou intransigente para com ele, até ele próprio parece desesperar, abandonar os filhos pródigos do mundo leitor e dá-los como perdidos⁷⁷. Qual foi o resultado? Quem ficou

76 No original, «*Geheimeraader*», título usado na Dinamarca desde o reinado de Christian IV (1577-1648) até 1808, aplicado inicialmente aos conselheiros do rei e posteriormente usado como título honorífico.

77 Na alusão à parábola do filho pródigo (Lucas, 15:11-32), o filho pródigo que é todavia rejeitado por Heiberg é o próprio Kierkegaard. Vd. adiante nota 94.

a perder com isso? Foi justamente o público e ficaram muito em especial ressentidos os inocentes que tiveram de sofrer com os culpados. O Prof. H. não quis mais ser o que era, o que sempre pôde ser: um excelente ministro do interior, um notório talento enquanto ministro da polícia e da justiça *in republica literaria*. O inescrutável redactor do *Flyveposten*⁷⁸ que soube encontrar o trapo e usá-lo quando ultimamente se começou a jogar ao trapo queimado⁷⁹; o poeta de *vaudeville*, admirado tanto pelo seu espírito como pelo seu humor e pela sua interioridade lírico-musical, cansou-se e tentou tornar-se naquilo a que se chama um outro homem. 14841 E agora, agora que ele seria de novo tão necessário, quando os contemporâneos da sua vigorosa jovialidade, e os mais jovens, que persistem em manter viva a recordação desses tempos felizes, desejam decerto voltar a ver um dos seus dias gloriosos, agora parece que ele quer ser — bem, não é fácil dizer o que ele agora quer ser. Nas *Intelligensblade*⁸⁰, a sua figura de autor passa na realidade por tantas metamorfoses⁸⁰ como aos olhos de Polónio aquela nuvem em *Hamlet*⁸¹, como a esperada caça em *Recensenten og Dyret*, já que o Senhor Klatterup se acomodou com deferência cortês aos caprichos pronunciados pelo «primeiro Senhor»⁸².

78 Logo no primeiro periódico que dirigiu, *Kjøbenhavns flyvende Post* [Correio volante de Copenhaga] ou *Flyveposten* [Correio volante], Heiberg expôs o seu sistema filosófico, incluindo um programa estético no qual primava uma teoria das aparências que determinava a supremacia do exterior sobre o interior como critério estético e uma hierarquia dos géneros literários que concedia o lugar cimeiro à poesia lírica. *Flyveposten* foi publicado regularmente nos anos 1827-1828 e de novo em 1830, seguindo-se-lhe *Interimsblade* [Folhas interinas], com publicação irregular. Nestes dois periódicos predominavam artigos sobre teatro e literatura, política e astronomia, ao passo que nos dois números de *Perseus* predominavam artigos de natureza filosófica.

79 Quando se joga ao «trapo queimado», esconde-se um trapo que terá de ser encontrado, através de indicações verbais, tais como, «quente», «frio» ou «morno» ou «a queimar» para indicar a proximidade ou afastamento do esconderijo.

80 Vd. acima notas 68 e adiante nota 85 e 95.

81 A nuvem seria ora um camelo, ora uma doninha, ora uma baleia; vd. W. Shakespeare, *Hamlet*, acto III, cena 2, vv. 393-394.

82 Em *Recensenten og Dyret* [O Recenseador e a Besta] de 1826, *vaudeville* de Heiberg, Trop, o protagonista, quer ganhar dinheiro mostrando um animal estranho, que o público acaba por não ver; na cena 27, Trop desaparece e o Senhor Klatterup tem de sossegar a multidão descrevendo o animal, que também ele nunca vira, servindo-se das perguntas de uma Senhora e de um «outro Senhor».

Com isto termino. Tenho pronto o boneco de palha⁸³ que des-tramente atiro para o barril, enquanto eu próprio fico de fora e me divirto com as folhas. Não está no meu poder impedir tais violên-cias, poderia quando muito propor que se constituísse uma co-missão que pudesse avaliar como interromper esse procedimento crítico. Já seria alguma coisa se ficássemos a saber o que deve ser uma crítica (algo que uma única honrada exceção sublinha, embora de maneira insuficiente), que a crítica não deve ser um as-saltante que ataca um livro recém-publicado, nem um fala-barato que se amarra a um escrito a fim de arranjar espaço e audição para as suas observações, nem um palerma arrogante, que «aproveita a ocasião»⁸⁴ de dizer ele próprio algo sobre um livro publicado. Um recenseador é e deve ser, deve fazer honra em ser um espíri-to ao serviço dos outros. Se quiser ser isso, haverá de sê-lo para benefício do público, para alegria do autor que se entregará con-fiadamente nas suas mãos, enquanto hoje em dia, caso haja de se entregar realmente a nossa personalidade, é tão repugnante ser-se recenseado como deixar o aprendiz de barbeiro apalpar o nosso rosto com os dedos húmidos. Nessa altura uma recensão será um bálsamo, enquanto agora é escusada como as condolências, por-que apenas aumenta a dor, ou, mais exactamente, causa dor, causa dor àquele que, apesar de alegre e contente, não deseja todavia ser obrigado a perder toda a sua ilusória fé no mundo leitor.

83 Boneco de palha em tamanho natural que era colocado dentro de um barril para ser usado como alvo nos festejos de Carnaval. Em sentido figurado, denota «substituto».

84 Heiberg, referindo-se aos fenómenos que se repetem na natureza, cita *A Repetição*, criticando o autor por não fazer uma clara distinção entre a repetição no mundo natural e a repetição no mundo espiritual. Vd. «*Det astronomiske Aar*», pp. 77-160. Vd. adiante nota 211. Kierkegaard, *qua* Constantin Constantius, respondeu a esta crítica em textos que deixou inéditos; vd. SKS, vol. 15, pp. 61-88.